

EM MARGEM

SEMANÁRIO NACIONALISTA

Director e Editor, **ANTÓNIO-LINO**Redacção e Administração: Rua de Santo António, 84
Composição e impressão: Tipografia "Minerva" — Famacção
Propriedade da Empresa Editora Vimaranesense

A' MARGEM

FOI-NOS COMPLETAMENTE impossível publicar o número do nosso jornal a semana passada.

Muitos afazeres nos obrigaram, repentinamente, a ausentarmo-nos desta cidade, atrasando de tal maneira os serviços, que o tempo depois não chegou para compor, censurar e publicar o *Ressurgimento*. Disso pedimos desculpa aos nossos assinantes.



NO NOSSO ULTIMO «à margem» fizemos algumas considerações sobre as obras respeitantes às comemorações centenárias que decorrem e sobre algumas que se deveriam fazer. Sobre estas últimas esplanaremos mais o assunto, que somente ficou, enunciado no nosso escrito anterior.

O largo de N.ª S.ª da Oliveira restaurado ficaria um conjunto encantador. Não pensemos sequer em restaurar a colegiada para as Festas dos Centenários.

Seria impossível. Mas o que poderíamos restaurar — e para já ao menos limpar — é a sua fachada: abrir-lhe novamente a sua janela, restaurar-lhe o cunhal primitivo e construir de novo o tanque que ficava junto à sua torre.



RESTAURADA A COLEGIADA exteriormente, modificadas as janelas do Arquivo Municipal e as sacadas das casas que lhe ficam em frente e à esquerda, faltava — é essa a parte mais dispendiosa — fazer reuçar a outra fachada da Praça e erguê-la, com as características dos outros edifícios que rodeiam o largo. Com a graça da nossa arquitectura típica, poderia aproveitar-se esta fachada para se fazer uma *casa de Pasto* de turismo, alvitre do escultor António de Azevedo, digno de se tomar em conta.



COLOQUEMOS-LHE UM PISO novo e passemos ao largo vizinho, a Praça de S. Tiago. Aqui o trabalho não é muito — retirado o seu jardim — estes são *sempre* bonitos, embelezam *sempre*, mas também destoam e estragam conjuntos, quando delineados à toa e sem gosto — ficam ligeiros arranjos em algumas casas.

Cavaleiros de Apocalipse

O ABUTRE

FEZ-SE noite na alma e o pensamento envolve-se nas contrações nervosas dum pasadêlo. Foi nesse sonho horrível, cortado de visões dantescas, que eu vi o *monstro*.

Tinha bocarra enorme, ornada de presas afiadas, fauces hiantes, olhar oblíquo e sinistro — parecia um lobo. Mas o seu corpo pesado e disforme, coberto de pêlos longos, negros e repelentes, fizeram-me pensar num urso. Até que o vi cair sobre um soldado valoroso e nobre que tinha tombado de bruços e, de garras prontas, anavalhá-lo pelas costas.

*

* *

Era um abutre — mais covarde, mais fúnebre, mais hediondo que todos os rapinantes — era um monstro. A carne ainda palpitante do soldado não o satisfez, como o seu sangue ainda quente não o saciou.

E fêz um vôo sinistro sobre novas presas: vélhos, donzelas, crianças — gente indefesa. Ouvi-os rezar — cantar um hino à Pátria e uma ode a Deus — quando a dor era mais forte. Sucumbiram na paz do Senhor.

O abutre soltou um guincho de raiva e retomou a sua faina tétrica. Ao longe, para as bandas do Ocidente, medonho incêndio a extinguir-se...

O monstro sobrevoou-o num gôzo antecipado de imenso festim. Viu ruínas; e fêz mais ruínas!

Viu sangue; e espalhou mais sangue...

Viu cadáveres... e amontoou-os em imensa pirâmide para, do alto dela (triste pedestal!), contemplar o resto do mundo.

*

* *

Subiu. Aos olhos do abutre apareceu então, do extremo ocidente, um novo quadro: campos floridos, paz, sossêgo, *vida*, terra abençoada por Deus, Deus no coração dos homens.

Subiu mais ainda, até ao cume...

Para lá das colinas, dos campos e da praia, um mar de triunfo e de glória, coalhado de rubis que o Sol semeou, e o céu — *um lindo céu azul!*

Sobre êsse maravilhoso cenário de epopeia — precioso pano de fundo em apoteose — destaca-se, envolto em auréola luminosa, a figura veneranda dum ancião — *um vélho quási eterno e quási moço...*

A sua face de traços nobres — espelho da sua alma cristã e latina — mais que o seu arcabouço ainda robusto, infunde respeito.

*

* *

O abutre sente mais que isso.

Experimenta ódio e terror. Embacia-se-lhe a vista, cambaleia e, num momento, o mostro desce do seu trono trágico numa queda ruidosa em que o entrecocar dos ossos em gargalhada

(Continua na 4.ª página)

A' MARGEM

ACHAMOS FÁCIL a reconstrução da sua capelinha — ainda há muita gente em Guimarães que dela se lembra. Bem sabemos que da primitiva, erguida pelos franceses companheiros do Conde D. Henrique, nada resta. Mas no seu local fôra erguida outra em substituição da que o tempo arruïnara.

A casa de esquina para a rua do Tribunal com uns caibros novos e de perfil vimaranense, mudado para a varanda de baixo o gradeamento de madeira, da de cima e colocado neste um novo de madeira, mas mais simples, ficaria um lindo espécimen da nossa arquitectura típica.



E' PRECISO CONTINUAR a rua de Gil Vicente. Quem da nova avenida dos Pombais olha a rua de Gil Vicente vê em frente o Paço dos Duques de Bragança. Continuada a rua, rasgada a avenida dos Palheiros, desnecessários seriam os *ciceroes* para indicar o caminho a seguir — e que hoje tam difícil é de indicar — para os três monumentos que coram a nossa cidade.



TEMOS AINDA O LADO da Rua de Santa Cruz. Cá em baixo as *obras dos Paços do Concelho* que já vão sendo obras de Santa Engrácia no seu sentido negativo — eternamente à espera de serem demolidas; lá em cima, junto ao largo do Salvador, quási que encostadas ao Castelo, casas em ruínas, ameaçando ruínas, pedindo que as deem abaixo; ao meio, casas com o esqueleto de madeira à mostra, por onde entra o vento e a chuva, bem juntas, como a pedir apoio, às traseiras dos Paços. E' esta a Rua de Santa Cruz.



QUE ALEGRIA E QUE ORGU-LHO sentiriam os vimaranenses, se vissem um dia estes *podres*, que estragam a beleza destes seus monumentos, desaparecerem e em seu lugar verem o seu sonho realizado!

E poderiam manifestá-lo, e poderiam tê-lo, pois ficariam na posse dum dos mais belos e completos conjuntos do país e um dos seus centros turísticos mais importantes.

Visado pela Comissão de Censura

D A C I D A D E

VIDA CATÓLICA ORGANIZAÇÃO CORPORATIVA

23.º Domingo depois de Pentecostes

Ressurreição da filha de Jairo

Evangelho (Mat., IX, 18-26). — Falando Jesus às turbas, eis que um príncipe se aproximou dele, e o adorou, dizendo: «Senhor, acaba agora de expirar minha filha; mas vem tu, impõe sobre ela a tua mão, e ela viverá.» E Jesus, levantando-se, o foi seguindo com os seus discípulos. E eis que uma mulher, que havia doze anos padecia um fluxo de sangue, se aproximou por trás dele, e lhe tocou a orela do vestido; porque ia dizendo dentro de si: «Se eu tocar ainda que seja o seu vestido, serei curada.» E Jesus, voltando-se, e vendo-a, disse: «Tem confiança, filha; a tua fé te sarou.» E a mulher ficou sã desde aquela hora. E, tendo Jesus chegado à casa daquele príncipe, e visto os tocadores de frautas e uma multidão de gente que fazia reboliço, disse: «Retirai-vos, que a menina não está morta, mas a dormir.» E eles escarneciam-no. E, tendo saído a gente, entrou Jesus, e tomou-a pela mão; e a menina levantou-se. E correu esta fama por toda aquela terra.

Homilia. — Eis uma oração excelente, em poucas palavras. Esse príncipe da sinagoga ensina-nos quando e como devemos recorrer a Jesus. A oração de Jairo tem três qualidades essenciais: é atenta, humilde e confiante. Aproximando-se de Jesus, conserva-se respeitosa diante dele para lhe expor o seu pedido. Quando quisermos orar, aproximemo-nos também de Deus, deixando as coisas exteriores e todas as causas de distração. Ponhamo-nos respeitosa em sua santa presença, não pensando senão em adorá-lo e em expor-lhe as nossas necessidades.

Jairo prostra-se humildemente diante de Jesus, manifestando assim a sua indignidade e a necessidade em que se encontra. Quando nós oramos, se não tivermos consciência da nossa miséria, da nossa fraqueza, as nossas orações serão desagradáveis a Deus, e por isso mesmo inúteis e estereis para nós.

Jairo tem plena confiança no poder e bondade de Jesus, e é por isso que lhe pede um grande milagre. Temos nós também esta fé, esta confiança? Não a

temos praticamente e é por isso que oramos tam friamente e tam imperfeitamente. E-quecemo-nos com facilidade de que Jesus, sendo infinitamente poderoso, pode curar-nos e ajudar-nos em tudo; e de que, sendo infinitamente bom, está sempre disposto a ouvir-nos e a conceder-nos as suas divinas graças.

Jairo pede a ressurreição de sua filha. Nosso Senhor veio, primeiramente, para curar-nos das doenças espirituais e salvar nossas almas, mas curar também as enfermidades do corpo. É lícito pedir-lhe os bens temporais, contanto que os peçamos somente tanto quanto nos forem necessários... e sempre submissos à vontade de Deus. Os bens espirituais, pelos quais vive a nossa alma, são graças de conversão, de contrição, de perseverança, graças de luz para conhecer a vontade de Deus, a nossa vida e os nossos deveres e graças de força para lhes sermos fiéis. Esses devemos pedi-los, insistentemente, para nós e para aqueles que nos são caros.

A oração de Jairo, tendo todas as qualidades requeridas, tocou o coração compassivo do Salvador, que partiu imediatamente a ressuscitar a criança. Deus é um pai terno; ama-nos, deseja espalhar sobre nós as suas graças e os seus favores por pouco bem que nós lhes peçamos. Nosso Senhor prometeu-nos que tudo quanto pedíssemos ao Pai em seu nome nos seria dado. Porque pedimos, pois, tam pouco? Não confiamos no poder e na bondade divina? Não sabemos que pelos méritos de Jesus Cristo temos a certeza de tudo receber? O nome de Jesus é a chave misteriosa que abre os tesouros infinitos de Deus.

É porque oramos mal ou pedimos coisas que não devemos pedir que as nossas súplicas não são atendidas. Se orarmos sem humildade, sem respeito, sem atenção, sem confiança, como há-de o Senhor ouvir as nossas orações? Também não podemos esperar que sejam atendidas quando lhe pedimos coisas que seriam perigosas para a nossa salvação.

A oração é indispensável, porque as necessidades que temos são imensas; peçamos sem cessar. Em todas as nossas misérias espirituais e temporais recorramos ao nosso terno Pai que está no céu, vamos confiadamente a Jesus, nosso Salvador e Médico carinhoso, e por êle seremos consolados, curados, fortificados e cheios de bens.

Na sessão da Câmara de 27 do mês findo as direcções dos Sindicatos de Guimarães apresentaram cumprimentos e agradeceram o subsídio que lhes foi concedido para a I Colónia Balnear Infantil.

Em nome das direcções falou o sr. presidente do Sindicato Têxtil, tendo-lhe respondido o sr. presidente da Câmara que se congratulou pelos resultados obtidos, afirmando que ao organismo a que presidia não havia que agradecer, pois tanto a Câmara como os Sindicatos somente tinham cumprido a sua obrigação.

Sua Ex.^{ma} fez votos para que colónias futuras sejam cada vez mais numerosas e benéficas.

No final foi lido e apresentado o relatório que segue:

Ex.^{ma} Câmara Municipal de Guimarães

Depois de terminada a Colónia Balnear Infantil, para cuja efectivação tanto concorreu a Câmara Municipal de Guimarães, a Comissão Organizadora tem a honra de trazer ao conhecimento de V. Ex.^{as} este pequeno relatório, com alguns dados estatísticos e respectivas contas finais, para que a essa Ex.^{ma} Câmara possa verificar em que se empregou o seu valiosíssimo donativo.

A Comissão Organizadora aproveitou a oportunidade para testemunhar à Câmara Municipal de Guimarães os seus mais sinceros agradecimentos pelo donativo com que se dignou contribuir, sem o qual era quasi impossível a realização duma iniciativa que para muitos se tornava tarefa impossível, mas conseguimos fazer vingar em benefício dos filhos dos operários, proporcionando-lhes uma cura e um prazer a que quasi só os ricos podem chegar.

Seria flagrante injustiça esquecer a contribuição valiosíssima dos ex.^{mos} Industriais de Tecidos e Pentes, que, com elevada compreensão dos caridosos e patrióticos fins desta realização, nos acolheram com a mais simpática das atenções, contribuindo com inúmeros produtos do seu fabrico.

Sem desprimor para os restantes, temos o dever de salientar os da Indústria Têxtil, cuja contribuição para esta obra subiu a alguns milhares de escudos.

Um agradecimento, também, ao pessoal que desinteressadamente serviu esta realização e não se poupou a trabalhos para a obtenção dos resultados colhidos.

Sociedades

Vimos nesta cidade o sr. dr. Henrique Cabral, muito digno delegado do I. N. T. em Braga.

— Na mesma ocasião aqui esteve o sr. dr. António Pimenta da Gama, sub-inspector de Previdência Social.

— Com sua ex.^{ma} esposa e filhinhos encontra-se, no seu solar dos Pombais, o sr. Visconde de Viamonte da Silveira.

— Foi nomeado médico de V. O. T. de S. Domingos, o nosso distinto amigo sr. dr. João Fernandes de Freitas.

Pela nossa parte, damos por muito bem empregados todos os trabalhos e canseiras que tivemos, porque os resultados obtidos não podiam ser mais satisfatórios.

Mandamos para a praia crianças escrofulosas e linfáticas, rostos pálidos e deformados pela terrível doença, corpos infezados ávidos do salutar iodo marítimo.

A melhor recompensa que Deus nos podia dar foi restituir-nos crianças com as côres da saúde estampadas nas faces tostadas pelo sol e corpos robustos vivificados pelo mar e por uma alimentação sã e abundante.

Bem haja a Câmara Municipal de Guimarães pelo subsídio concedido, bem hajam os ex.^{mos} Industriais pelo seu valioso auxilio, que nós, pela nossa parte, nada mais fizemos que cumprir o nosso dever.

Tudo quanto se dispender com o aperfeiçoamento da Raça Portuguesa, como seja o auxilio à infância, é alcançar com mais solidez e garantir a perpetuidade do edificio incomparável que se chama Império Português.

Guimarães, 27 de Outubro de 1939 — A Comissão Organizadora, Anibal Martins Júnior, do I. N. T. P.; António Malheiro Rodrigues, do Sindicato Têxtil; José Ramos Martins Fernandes, dos Empregados do Comércio e Manuel Gonçalves, dos Marceneiros.

Balanco das contas da 1.ª Colónia Balnear Infantil dos sindicatos de Guimarães

Deve	
Subsídio da Ex. ^{ma} Câmara M. de Guimarães	7.000\$00
Idem do Sindicato N. da I. Têxtil	2.575\$50
Idem do Sindicato N. da I. de Cutelarias	500\$00
Idem da Secção dos O. Pa-deiros	400\$00
Idem da Secção do S. E. do Comércio	50\$00
	10.525\$50
Haver	
Despesas gerais	463\$00
Comestíveis	6.543\$50
Louças e utensilios	777\$00
Deslocações	1.136\$50
Combustível	282\$00
Ordenados e gratificações	492\$20
Banheiro	400\$00
Vestuário	431\$00
	10.525\$50

(Continua na página seguinte)

Aniversários

Dia 29 de Outubro — Duarte Trocado Freitas do Amaral e José Ferreira Martins.

31 — Maria Teresa Avides do Espírito Santo Vasconcelos e D. Delfina Martins da Costa (Aldão).

Novembro, 1 — Bernardo Maria C. de Menezes de Almeida Campos e Engenheiro Diogo Sobral.

3 — D. Maria Mendia de Serpa Pimentel, D. Albertina Pereira Mendes Fernandes e dr. João Martins de Freitas.

NOTICIÁRIO

Escola Comercial e Industrial de Francisco de Holanda.

Encontra-se aberto o concurso para a admissão de professores provisórios do 4.º e 12.º grupos, respectivamente de Tecnologia e Debuxo.

Chá Dançante

No passado domingo realizou-se, como estava anunciado, no Salão Nobre do Grémio do Comércio, um chá dançante que decorreu muito animado, embora houvesse quem não gostasse muito da música escolhida.

Como gostos (dizem) se não discutem, nós nada dizemos.

O Ressurgimento agradece o convite que lhe mandaram.

Cotização obrigatória

Causou grande regosijo no meio operário a publicação do despacho que institue a cotização para os operários da indústria têxtil.

Com isto o respectivo Sindicato terá mais possibilidades de ver a sua acção desenvolvida e a assistência que já hoje presta, alargada a maior número de necessitados.

CARTA DE LISBOA

Prêguemos e pratiquemos a lusofilia

Aproxima-se o inverno, com o seu habitual cortejo de duras inclemências e dolorosas interrogações. Quantos lares, sem teto; quantas mesas, sem pão; quantas famílias, implacavelmente desprotegidas da sorte, sem lume, sem roupas e talvez sem saúde!

É esta espécie de pobres que, sobretudo, deve merecer-nos mais carinho: tem vergonha de estender a mão à caridade pública e o pêso da idade já não suporta muitas vezes o trabalho remunerador. Triste vida se arrasta pelos caminhos do Infortúnio, mormente quando chega esta quadra agreste do ano!

Para minorar a situação dêsses infelizes, a iniciativa de dedicados colaboradores do Estado Novo criou a chamada *Campanha de Auxílio aos Pobres no Inverno*, instituição que todos os anos trabalha com o maior denodo e tem prestado relevantes serviços de assistência social, atingindo assim os nobres objectivos que inspiraram a sua fundação.

Está já a circular o apêlo dêste inverno, feito a todos os portugueses de boa vontade, no sentido de serem remetidos à Comissão Executiva, com sede no Ministério do Interior, os generosos donativos daqueles, ricos ou simplesmente remediados, que desejem contribuir para o melhor êxito de tão simpática e benemérita cruzada. Esses donativos podem ser expressos em gêneros alimentícios, roupas, dinheiro ou quaisquer objectos de uso doméstico considerados de primeira necessidade.

De uma cousa estamos seguros: é do vivo interesse dos nossos leitores pela obra da C. A. P. I. e que se traduzirá, decerto, por generosos e oportunos donativos, os quais serão sempre bemvindos, em nome dos sentimentos cristãos e de solidariedade social.

* * *

Com uma brilhante colaboração, apareceu recentemente o n.º 9 da *Revista dos Centenários*, que é editada pela Comissão Executiva dos mesmos, através da sua Secção de Propaganda e Recepção.

Esta magnífica Revista informa-nos minuciosamente do movimento dos respectivos trabalhos e insere interessantes artigos de crítica e investigação histórica sobre figuras e factos preponderantes dos períodos que vão ser exaltados durante o ano áureo de 1940.

* * *

Um dos mais curiosos atractivos, da Exposição Histórica do Mundo Português, segundo nos informa a Revista em referência, é, sem dúvida, o teatro ao ar livre, com o seu grande vestibulo, denominado «Jardim dos Poetas», realização de um gentilíssimo pensamento do dr. Augusto de Castro, em homenagem aos líricos portugueses, onde várias figuras, em representação dos poetas ou das suas obras, serão colocadas em nichos rodeados de verdura.

Dos trabalhos já aprovados e daqueles em execução, constam as estátuas *Natercia*, *Juaninha dos Olhos Verdes*, *Alba Plena* e o baixo-relêvo *Diogo Bernardes*.

* * *

A última semana foi copiosa de interessantes acontecimentos, a que desejariamos fazer larga referência,

se não fôsse a escassez de espaço com que lutamos e nos obriga, quasi sempre, a um breve apontamento, que gostaríamos de tornar suficientemente expressivo.

Nestas condições, apenas bordaremos alguns ligeiros comentários acerca das afirmações produzidas pelo illustre presidente da Comissão organizadora da participação do Brasil nas festas do Duplo Centenário, general Francisco José Pinto; dos diplomas que reorganizam o sistema corporativo do comércio de mercearia por grosso e a retalho; e da recente iniciativa da Emissora Nacional, expressa na realização de magníficos concertos públicos.

Todos sabemos dos profundos laços que ligam o nosso país à nação brasileira e da vontade do Estado Novo em aproximar cada vez mais os dois povos irmãos. Salazar definiu magistralmente a origem, a extensão e a profundidade dêsses laços, num trecho da sua notabilíssima nota officiosa de Março de 1938, convidando-se aquela nação a fazer as honras da *Casa Portuguesa*, durante as comemorações de 1940, na qualidade de legítima irmã de sangue.

O Brasil, como era de esperar, respondeu condignamente à nossa chamada e nomeou uma comissão organizadora da sua participação nas comemorações centenárias, cujo presidente acaba de fazer declarações que são impressionantes, pelo tom de espontaneidade e sinceridade que exprimem.

Diz o general Francisco José Pinto, uma das mais prestigiosas figuras do exército brasileiro:

— «O Brasil é, pela língua, pela raça, pela religião, pela mentalidade, pelos métodos, uma grande projecção de Portugal no novo Mundo. Esse território imenso, que é o nosso, foi descoberto, colonizado e socialmente construído pelo português. O soldado do Brasil consideraria violação do seu próprio território qualquer atentado contra Portugal ou contra o seu património e isto não será jamais uma simples expressão lírica, mas uma atitude definida.»

E exclama, depois, com entusiasmo, vincando o amplo e transcendente significado universal da Família luso-brasileira, tal como o desejamos e tem sido manifestado pelo pensamento e pela obra do Estado Novo:

— «Portugal é o lar brasileiro na Europa, como o Brasil é o lar português na América!» (Continua).

29-10-939. Z. DE M. F.

Casa dos Pobres de Guimarães

Convocação da Assembleia Geral

A fim de serem eleitos os Corpos Gerentes desta Casa dos Pobres para o biénio 1940-1941, conforme determina o artigo 22.º dos respectivos Estatutos, são convidados todos os sócios subscritores para uma reunião da Assembleia Geral, convocada por ordem do seu Ex.º Presidente, e que se realizará no próximo dia 12, pelas 17 horas, na Secretaria desta Instituição. Se nesse dia não comparecer número legal de subscritores para poder funcionar a Assembleia, esta realizar-se-á no dia imediato, com qualquer número de subscritores presentes, nos termos do artigo 24.º dos citados Estatutos, e no mesmo local e à mesma hora.

Guimarães, 3 de Novembro de 1939.

O 2.º Secretário,

(a) António Geraldo Guimarães.

O sr. Henrique Galvão tem pronunciado na «Emissora» interessantes e desassombradas palestras, que temos ouvido com satisfação. Os ófilos de tôdas as espécies, que quasi nunca chegam a ser aquilo que seria mais digno e humano que fêsem — lusófilos — os estratégicos de um décimo de tigela; os eternos críticos de tudo quanto acontece; os venenosos boateiros mais nefastos que epidemias malinas; os novos candidatos a *novos-ricos*; — os perigosos inimigos internos — tôda essa fauna do subsolo da nossa cultura tem merecido do sr. Henrique Galvão reparos tam oportunos como incisivos.

A doutrina está certa e é essa a opinião da maioria das pessoas sensatas. Os nossos interesses de tôda a ordem, materiais, políticos, morais obrigam-nos a olhar para dentro de nós, deixando aos outros resolverem seus complexos problemas e reservando tôdas as nossas energias e perspicácias para enfrentar as dificuldades e embaraços que surgem sempre no desenrolar dos acontecimentos internacionais.

São, por isso, de flagrante e indiscutível verdade estas palavras do sr. Henrique Galvão:

«Pobre interesse nacional assim esfrangalhado nas mãos de uns e outros — esse interesse que para se manter, se definir e afirmar precisasse de ser impellido pela paixão de cada um que não começa por afirmar a paixão pela sua casa.»

E porque o são e porque seu Autor desempenha na «Emissora» o primeiro lugar directivo — justo é que seus ouvintes lhe perguntem com franqueza igual àquela com que tam corajosamente tem vergastado os maus portugueses e os vermes daninhos do boato e da calúnia: — E porque não leva a sua paixão por essa

sua Casa a reformar-lhe inteiramente os programas naquele sentido bem nacional e bem elevado, suprimindo tudo quanto dá aso aos críticos, aos boateiros, aos maldizentes para espalharem suas diatribes contra a «Emissora»?

O momento é de suprema coordenação de tôdas as actividades que sirvam a exaltar o espírito nacional e o sentimento heróico, que só podem estimular-se com programas, talvez mais curtos mas de mais intensa vibração. Fados e tangos, sambas e rumbas são tam deprimentes e nocivos como os boatos venenosos. O jazz, com seu chocalhar enervante, é outro inimigo da lusofilia, que o sr. Henrique Galvão desenhou em seu aspectô nobre e todos desejamos ver realizada mais que prêgada. Há demasiada orgia de *fox* numa terra em que só excepcionalmente se dança. Há excesso de larachas e de palrações sem finalidade apropriada à hora grave que atravessamos.

E, no entanto, há ótimas e graciosas canções portuguesas; excelente música nacional; muitos e brilhantes espíritos que por êsse país fora saberiam dar sua contribuição ao reerguimento intelectual dos programas, se se adoptasse o critério dinâmico de procurar, em qualquer lugar onde se encontrem, os bons elementos, em vez de atender quasi só, estáticamente, os pedidos e empenhos dos que *precisam* de dizer alguma cousa.

A Imprensa e às Emissoras cabe hoje o papel mais decisivo na orientação e educação das massas populares alvoroçadas por tantos e tam descontraídos clamores que de fora nos vêm. Indispensável é, portanto, que uma e outras se compenbrem da altíssima responsabilidade que lhes compete e não se limitem a receitar aos outros os remédios eficazes para uma cura salutar, fora de casa.

— A lusofilia é feita das grandes e das pequenas cousas.

Organização corporativa

(Continuação da página anterior)

Alguns dados estatísticos

Crianças beneficiadas, 107; média durante o mês, 99; aumento médio de pêso, 1,359; idem médio de estatura, 0,018; idem médio de perímetro torácico, 0,02; idem médio de perímetro abdominal, 0.

Despesas — Custo médio da alimentação (por pessoa), 62\$32; idem médio da alimentação diária (por pessoa), 2\$08; média de gastos gerais (por criança), 105\$25.

Pessoal — Director, João Xavier de Carvalho; 3 auxiliares e 2 cozinheiras.

Relação das dévidas recebidas para a Colónia Balnear

Francisco Inácio da Cunha Guimarães & Filhos, 100 cobertores.

António José Pereira de Lima, 2 peças de pano 0,80 e 72 toalhetes.

Empresa Industrial de Pevidém, 2 peças de riscado-colchão e 2 peças de riscado para bibes.

J. Ladeira, Guimarães & C.ª, 2 peças de pano 0,80 e 5 dúzias de guardanapos.

Fábrica de Tecidos de Vila Flor, Ltd.ª, 3 peças de riscado para bibes.

Alberto Rodrigues de Figueiredo, Filhos & C.ª, 1 peça de riscado-colchão e 12 toalhetes turcos.

Empresa Mercantil do Minho, Ltd.ª, 1 peça de riscado para bibes e 48 toalhetes turcos.

António da Costa Guimarães, Filhos & C.ª, 1 peça de pano para lençóis e 1 peça de riscado para bibes.

Freitas, Mendes, Fernandes & C.ª, Ltd.ª, 2 peças de riscado para bibes. Freitas, Pereira & C.ª, 2 peças para lençóis.

Varela, Pinto & C.ª, 31 lençóis. Joaquim da Cunha, 16 lençóis.

António José Lopes Correia & Filhos, 1 peça de pano para lençóis e retalhos de riscado-colchão.

Fábrica de Tecidos da Cruz de Pedra, Ltd.ª, 1 peça de pano atalhado.

Companhia de Fiação e Tecidos de Guimarães, 1 peça de riscado-colchão.

J. Rodrigues Loureiro & C.ª, 1 peça de riscado para bibes.

Albano Martins Coelho de Lima, 1 peça de pano para lençóis.

Joaquim de Sousa Oliveira, 1 peça de pano para lençóis.

Francisco da Silva Areias, 1 peça de pano para lençóis.

Industriais de pentes, 15 dúzias de pentes.

Semana da Família

Decorreram com tóda a regularidade e grande concorrência todos os actos que nesta cidade se realizaram por iniciativa dos organismos da Acção Católica, em defesa e propagação da família.

Foi sobretudo notável o interesse que despertaram no meio católico vimaranense as pregaçãoes que, no templo de Nossa Senhora da Oliveira, foram feitas pelo ex.^{mo} e rev.^{mo} sr. dr. Molho de Faria sobre tam palpitante assunto. A ignorância é muita, mas o bom povo humilde de Portugal gosta de ser instruído nos assuntos que lhe interessam, embora tenha de ouvir muitas vezes verdades bem pouco agradáveis.

O dr. Molho de Faria não hesitava em dizer o que devia — em proclamar sem reticências as obrigações dos cônjuges e dos pais, causticando vigorosamente o erro e o vício; apesar disso, e talvez por isso, os auditórios não diminuíam antes engrossavam. Sinal evidente de que a massa do povo português deseja saber, gosta que lhe apontem o bom caminho e lhe castiguem os erros.

As sessões de estudo efectuadas no salão do asilo de Santa Estefânia também foram muito concorridas, excepção feita à que se destinava aos homens e se realizou no dia 26.

A sessão solene efectuada no dia 27 no Teatro Martins Sarmiento, que o seu proprietário gentilmente pôs à disposição dos organizadores, foi presidida por S. Ex.^a Rev.^{ma} o sr. Bispo de Aranda, que era secretariado por Mons. João Ribeiro e pelo sr. presidente da Câmara e delegado policial do Governo no concelho. Depois do discurso substancial e entusiástico do sr. Bispo de Aranda, falou sobre a indissolubilidade e unidade do matrimónio o ex.^{mo} sr. dr. Lopes da Fonseca, que apresentou um trabalho completo e perfeito de lógica e argumentação.

Seguiu-se o côro falado de homenagem ao pai e à mãe de família, que despertou muito interesse e provocou gerais aplausos.

Falou, finalmente, com muito calor e veemência o ex.^{mo} sr. dr. Délio Santarém sobre os deveres dos pais como educadores. Ambos os oradores foram muito aplaudidos.

A sessão foi encerrada por S. Ex.^a Rev.^{ma} que agradeceu aos oradores os seus excelentes trabalhos.

No dia 29 foi muito concorrida e causou funda impressão a missa dialogada a que assistiram todos os organismos da Acção Católica, que no fim prestaram o seu compromisso.

Às 16 horas, também na igreja da Oliveira, encerrou-se a semana com a consagração a Cristo-Rei e bênção do SS. Sacramento.

DR. AARÃO DE LACERDA

Foi nomeado Director da Escola de Belas Artes do Porto o nosso amigo e assinante, sr. dr. Aarão de Lacerda, que o ano passado dirigiu nesta cidade a 2.^a Missão de Estética de Belas Artes.

Pela sua cultura, espírito de iniciativa e trabalho, é o dr. Aarão de Lacerda penhor duma remodelação profunda na escola que vai dirigir, elevando-a ao nível em que ela sempre deveria ter estado. Ao ilustre crítico envia *Ressurgimento* as suas melhores saudações.

A FAMILIA

A «Semana da Família», que os organismos da *Acção Católica Portuguesa* acabam de realizar em todo o país, se nem sempre com brilho, certamente com sinceridade e entusiasmo, não pode ficar como episódio transitório nos anais da vida portuguesa.

Tanto pelo seu alto significado como pelas suas conseqüências tem de considerar-se como um dos acontecimentos mais notáveis e mais felizes da actualidade em Portugal.

Anda muito esquecida na sociedade frívola e gozadora dos nossos dias a enorme importância da família e a tremenda responsabilidade que impende sobre aquêles que a compõem. O Estado, em tempos que, felizmente, já lá vão, muito contribuiu para se chegar à situação lamentável em que esta instituição basilar da sociedade se encontra, pois com as suas leis desagregadoras por pouco não vibrou o golpe de misericórdia à sociedade familiar. Hoje, porém, já o Estado proclama o valor, a dignidade e a importância da família, dando-lhe o logar que lhe compete dentro do agregado social, do qual a considera pedra basilar.

Pretende-a, por isso, sólida, estável, sã e unida, porque, sendo a fonte da vida e de tódas as energias da nação, só assim poderá desempenhar-se cabalmente da sua missão sublime.

O Estado, porém, pouco tem feito e pouco poderá fazer em prazo curto em benefício da família. A sua reforma tem de ser operada mais de dentro do que de fora. E' incontestável que as leis muito podem contribuir para êsse fim, mas é no domínio das consciências que principalmente se tem de agir.

Precisa-se por isso duma acção intensa sobre as próprias famílias, sobre os pais principalmente e sobre os jòvens de ambos os sexos que se preparam para fundar novos lares. Que estes em primeiro lugar sintam as responsabilidades que vão tomar sobre os ombros e não dêem um passo de tamanha importância com a leviandade que hoje se observa na maioria dos noivos, que ao tomarem estado parecem obedecer apenas a um cego instinto a que cegamente se submetem. Os deveres dos esposos andam muito esquecidos, e todavia, se não forem cumpridos, a família mal poderá subsistir e, subsistindo embora, a sua função principal ou falha desastrosamente ou tem realização muito incompleta.

As obrigações dos pais para com os filhos, com o desprezo a que tem sido votados os sãos ensinamentos cristãos sobre êste assunto e com a febre de prazer de que a quasi totalidade dos homens e mulheres de hoje anda tomada, passaram a plano tam secundário que muitos pais nem deles se lembram. E quando os filhos, criados ao acaso, sem autoridade nem disciplina, abandonados a si mesmos e a tódas as influências do meio em que vivem e onde escolhem as companhias que preferem, revelam os frutos desta educação negativa, os *pobres e desolados pais* causam dó a carpir as suas mágoas, lamentando-se, numa inconsciência *inocente*, de que o filho não saía aos seus, quando são êles os verdadeiros culpados. A campanha de família tem de prosseguir sem desfalecimentos e temos a esperança de que há-de continuar e dar fruto, até que a família portuguesa seja aquêle templo de amor e virtude onde o trabalho é honra e os filhos uma bênção apetecida. A Acção Católica Portuguesa, efectuando a semana da família, não faz somente apostolado religioso; realiza também obra patriótica da melhor. Bem haja!

CAVALEIROS DE APOCALIPSE

(Continuação da primeira página)

infernal e o riso sardónico das caveiras foram o seu dobre de finados. Caiu emfim...

Tinha gravado sobre o peito a tremenda maldição do *martelo* e da *fouce*, símbolos da destruição e da morte.

E construiu-se um novo mundo, à sombra duma Cruz triunfante.

ANTÓNIO JOSÉ.

Os caleiros

Já nestas colunas louvamos a medida tomada pela Câmara, quando ordenou a limpeza das fachadas dos prédios da cidade. Não será demais repetir que os resultados dessa de-liberação, que se tem cumprido com bastante regularidade, são bem visíveis e aprazíveis. A impressão que o visitante de oravante levará, quanto ao aspecto dos prédios citadinos, parece-nos que não poderá deixar de ser lisonjeira. Só é de desejar que esta orientação continue a seguir-se até criar raízes e habituar os proprietários a realizar as necessárias obras de limpeza, periodicamente, sem que isso se repute exigência impertinente da autoridade municipal.

Mas o que já se conseguiu quanto a limpeza, porque se não há-de conseguir quanto aos caleiros? Anda a imprensa continuamente a referir-se ao caso. Os particulares, em dias de aguaceiro, enfurecem-se e barafustam ao receberem em cheio os abundantes borrifos com que os mimoseiam a cada 50 metros os caleiros avariados; o facto comenta-se com certo azedume, emquanto a chuva cai, mas passada esta, ninguém mais se lembra do caso, que cai no esquecimento. E os caleiros lá ficam no mesmo estado para nos provarem a paciência uma e muitas vezes, quando a chuva voltar a visitar-nos.

Será assim tam difícil remediar êste mal?

Orfeão de Guimarães

Principiaram já os ensaios dêste agrupamento artístico.

Consta-nos que têm sido poucos aquêles que a êles comparecem.

Daqui tomamos a liberdade de pedir aos digníssimos orfeonistas que não falem aos ensaios e que procurem, cada vez mais, aperfeiçoar, o seu gosto artístico, o que muito e útilmente os divertirá, mais do que as conversas acerca de política e guerra.

Não seria até interessante criar um grupo especializado em folclore da nossa terra?!

Não era, talvez, necessário o elemento feminino, nem para já pedimos «um rancho», mas à maneira do que se fez para a música sacra (Capela S. Dâmaso) se escolheria, de entre todos, um determinado número de rapazes que em tal música se especializassem.

Achamos também que ao Orfeão está destinado ser um agrupamento de divulgação artística em Guimarães, para o que esperamos, durante o próximo inverno, a organização de algumas «horas de arte musical» em que os nossos artistas se apresentarão e em que nos facilitem ouvir elementos de fora.

Para nosso bem, para bem do Orfeão e para engrandecimento da nossa terra aqui ficam estes desprezíveis alvitre-

A. S. M.

Preço da assinatura

Anual	24\$00
Semestre	12\$00
Trimestre	6\$00
Avulso	\$50